

# PAJELANÇA, MEIO AMBIENTE E COTIDIANO: INTERAÇÃO DOS PAJÉS COM A NATUREZA – CACHOEIRA DO ARARI/PA

Damasceno de Oliveira Karla Cristina

Unirio/ Mast – Brasil

Luiz Carlos Borges

Unirio/ Mast – Brasil

## Resumo

A pajelança, xamanismo em que se realizam trabalhos de cura pelo pajé quando da incorporação de entidades conhecidas como caruanas, possui um sistema de crenças que mescla elementos das culturas indígena e africana, e aspectos do catolicismo popular. A utilização pelo pajé, durante os rituais de cura, dos mais diversos tipos de espécies vegetais utilizados no cotidiano da população local em diferentes usos, nos faz pensar na estreita relação desta prática com o meio ambiente, seja na utilização dos recursos vegetais necessários ao preparo de medicamentos, seja nos espaços sagrados (encantarias) reservados aos caruanas, o que implica na necessidade de preservação dos recursos naturais e do equilíbrio ambiental para continuar existindo. Este trabalho se propõe fazer uma análise preliminar entre imaginário, o ambiente natural e sua cotidianidade na configuração desse sistema de crenças, entendido enquanto patrimônio cultural, esperando contribuir para a compreensão dessa prática curativa afro-amazônica.

**Palavras-chave:** Pajelança. Patrimônio. Meio ambiente. Imaginário.

# PAJELANÇA, MEDIO AMBIENTE Y LO COTIDIANO INTERACCIÓN DE LOS PAJÉS CON LA NATURALEZA CASCADA DE ARARI/PA

## Resumen

La *pajelança*, *chamanismo* en donde se realizan trabajos de cura a través del *pajé* cuando se trata de la incorporación de entidades conocidas como *caruanas*, posee un sistema de creencias que mezcla elementos de las culturas indígenas y africanas con aspectos del catolicismo popular. Durante los rituales de cura, la utilización por parte del *pajé* de las más diversas especies vegetales de uso cotidiano entre la población local, nos hace pensar en la estrecha relación de esta práctica con el medio ambiente, ya sea en lo que atañe a la utilización de los recursos vegetales necesarios para la preparación de medicamentos o en los espacios sagrados (encantarias), reservados a las *caruanas*, lo que implica la necesidad de preservar los recursos naturales y el equilibrio ambiental para continuar existiendo.

Este trabajo se propone hacer un análisis preliminar entre el imaginario, el ambiente natural y su cotidianeidad en la configuración de ese sistema de creencias, entendido como patrimonio cultural, esperando contribuir a la comprensión de esa práctica curativa afro-brasileña.

**Palabras clave:** *Pajelança*. Patrimonio. Médio ambiente. Imaginario.

## PAJELANÇA, ENVIRONMENT AND DAILY LIFE INTERACTION OF THE PAJÉS WITH NATURE CASCADA DE ARARI/PA

### Abstract

The *pajelança*, *Shamanism* in which healing witchcraft is performed through the *pajé* when it deals with the incorporation of entities known as *caruanas*, has a system of beliefs that mixes elements from indigenous and African cultures with aspects of popular Catholicism. During the healing rituals, the most diverse vegetable species commonly used by the local people, make us think about the close relationship between this practice and the environment, not only with reference to the use of vegetable resources necessary for the preparation of medicines, but also regarding the sacred spaces (*encantarias*), reserved for the *caruanas*, which implies the need to preserve natural resources and the environmental balance to ensure survival. This work aims at a preliminary analysis between the imaginarium, the natural environment and its everyday life in the configuration of that system of beliefs, understood as cultural heritage, in the hope of making a contribution to the understanding of this Afro-Brazilian healing practice.

**Key words:** *Pajelança*: Heritage. Environment. Imaginarium.

# PAJELANÇA, MEIO AMBIENTE E COTIDIANO: INTERAÇÃO ENTRE PAJÉS E NATUREZA EM CACHOEIRA DO ARARI/PA

Damasceno de Oliveira Karla Cristina<sup>1</sup>

Unirio/ Mast – Brasil

Luiz Carlos Borges<sup>2</sup>

Unirio/ Mast – Brasil

## INTRODUÇÃO

A Ilha do Marajó (com superfície de, aproximadamente, 49.606 Km<sup>2</sup> - área equivalente ao do estado do Rio de Janeiro) integra o maior arquipélago flúvio-marinho do mundo (arquipélago do Marajó) e está localizada na foz do Rio Amazonas. Além deste rio, recebe a influência de outros de grande porte, como o Tocantins e o Pará, que desaguam na Baía do Marajó. Os rios possuem importante papel na cultura marajoara, influenciando no transporte, na alimentação e na cultura dos habitantes.

A Ilha abriga 12 municípios e está dividida em duas micro-regiões: a leste está localizada a Microrregião dos Campos, que compreende os municípios de Cachoeira do Arari, Chaves, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure. No lado oeste da Ilha localiza-se a Microrregião dos Furos, com os municípios de Afuá, Anajás, Breves, Curralinho, e São Sebastião da Boa Vista (BRASIL. Instituto, 2004). A Ilha do Marajó possui uma história marcada pela presença de indígenas, viajantes e exploradores estrangeiros, que deixaram contribuições determinantes para o desenvolvimento local. A presença desses personagens revela-se nas diversas marcas, especialmente as culturais, que são encontradas na paisagem sócio-urbana marajoara. Aliada à diversidade biológica, a riqueza cultural produzida e vivida pelo homem marajoara, dá ao lugar um tom especial que se intensifica a partir da aura de mistério e de misticismo que cercam Marinatambalo<sup>3</sup>.

A pecuária é a atividade econômica de maior expressão e, junto com a atividade pesqueira que utiliza, inclusive, métodos artesanais, constitui uma importante fonte de emprego e de garantia do alimento diário de parte da população da Ilha. As figuras do vaqueiro e do pescador encontram bastante representatividade local e, certamente, influenciam a construção e a reprodução do imaginário marajoara.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/ MAST). [karladoliveira@gmail.com](mailto:karladoliveira@gmail.com)

<sup>2</sup> Pesquisador do Museu de Astronomia e Ciências Afins; Professor do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST). [lcborges@mast.br](mailto:lcborges@mast.br)

<sup>3</sup> [...] As antigas denominações do arquipélago eram baseadas em vocabulário indígena. Assim, Marinatambalo, chamado pelos índios e espanhóis; Camamôro, pelos holandeses; Paricura, Ilha Grande de Joanes, Ilha dos Nhengaibas (FARES, 2003, 27).

<sup>4</sup> O termo encantaria relaciona-se as poéticas de tradição orais e as personagens referem-se ao conjunto narrativo que inclui não só o mito, "propriamente dito", mas os textos originários dos lendários, dos anedóticos, das fábulas, e de outras formas de natureza prosaica e outras versificadas. As narrativas amazônicas, ou suas personagens, são comumente reconhecidas com o nome de marmota, encantado, anedota, remorso e, muitas vezes, implicam nas histórias de vidas dos narradores, neste caso não se pode atribuir o caráter ficcional a elas, mas compreendê-las como uma construção em que os saberes simbólicos e imaginários misturam-se e sobrepõem-se (FARES, 2007, 1).

A Ilha, sendo recortada por rios e igarapés, nos quais vive uma grande variedade de peixes, jacarés, botos e sucuris, a que podemos acrescentar a exuberância da mata, é um cenário propício à presença, no imaginário local, de uma variedade de personagens das histórias de encantarias<sup>4</sup>. Ali são contados e recontados inúmeros casos, dentre os quais o do vaqueiro encantando que cavalga à noite protegendo os campos; da menina que vira vaca no Lago Arari; da mãe de fogo; da arraia encantada do Lago Arari; e da grande cobra que mora debaixo da Ilha. Em relação às encantarias, relatadas por viajantes desde o período colonial, Josebel Fares comenta que:

[...] O mundo da sobrenaturalidade explica e cria as concepções de mundo, os expedicionários tentam desconsiderar a presença do mítico, mas remetem o leitor a esta viagem espaço-temporal, ainda hoje escrita com a presença do elemento maravilhoso (FARES, 2003, 46).

Os primeiros habitantes da região do Arari, conforme indícios arqueológicos, foram os índios Aruãs, também denominados Homens do Pacoval, por ser este local um dos pontos que conserva os vestígios mais acentuados da passagem desses silvícolas pela região. A colonização e a cristianização da região tiveram início com a instalação, na ilha, a partir de 1700, dos padres da Companhia de Jesus, conforme relatos de Miranda da Cruz (1987). Até hoje a igreja católica exerce forte influência na área.

O município de Cachoeira do Arari foi criado em 1935 e a origem de seu nome tem conexões com vários aspectos que vão desde o desnível do Rio Arari, em frente à sede, que provoca uma precipitação das águas em forma de cachoeira, até o nome de um cipó da família das *Leguminosas Papilionáceas*, de flores grandes e cor de fogo, que cresce nas margens dos rios da região. O povoado, que deu origem ao Município, surgiu a partir da fazenda que pertenceu ao Capitão-Mor André Fernandes Gavinho que, após obter uma Sesmaria, escolheu o local para construir sua casa em frente a uma cachoeira do Rio Arari. Com o crescimento demográfico, em 1747 foi erguida uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Cachoeira do Arari, segundo dados da Companhia Paraense de Turismo – PARATUR (PARATUR, 2003) possui área de 3.102 km<sup>2</sup>, ocupando o 37º lugar, no Estado, em extensão territorial. Em linha reta da capital paraense, Belém, encontra-se há, aproximadamente, 67 km de distância. A área abrange grande parte da região dos campos naturais que, durante o inverno amazônico (época das chuvas), ficam quase que totalmente submersos. Quando o inverno é rigoroso, parte da estrada desaparece, impedindo o tráfego para o município e isolando-o por esta via de acesso. Neste período, as embarcações são a única alternativa para a população. De acordo com dados do IBGE (2000), possui uma população de 15.783 habitantes.

Este trabalho se propõe a fazer uma análise preliminar da relação constitutiva entre imaginário, o ambiente natural e sua cotidianidade na configuração desse sistema de crenças, entendido enquanto patrimônio cultural, com vistas a contribuir para a compreensão da pajelança enquanto prática curativa marajoara.

## PAJELANÇA E IMAGINÁRIO

A pajelança<sup>5</sup> pode ser entendida como um sistema de crenças que mescla elementos indígenas, africanos e do catolicismo popular e possui estreita relação com o meio ambiente, seja devido a utilização de recursos fitoterápicos necessários ao preparo de banhos, chás e unguentos, seja por conta dos espaços sagrados reservados aos seres sobrenaturais. Para Maués e Villacorta (2004) a pajelança é “uma forma de xamanismo” em que o pajé, incorporado com caruanas ou *encantados*, realiza trabalhos de cura de doentes ou de sessões xamanísticas. O termo ‘pajelança’ tem sido utilizado desde o século XIX para designar um sistema de crenças e práticas, estando carregado de preconceito. Neste último sentido, o termo é utilizado por pessoas não-praticantes (ou não assumidamente praticantes) que vivem nas cidades, como forma de depreciar cultural e socialmente os praticantes e/ou crentes da pajelança. A crença fundamental da pajelança reside na figura do encantado

[...] seres que são normalmente invisíveis às pessoas comuns e que habitam ‘no fundo’, isto é, numa região abaixo da superfície terrestre, subterrânea ou subaquática, conhecida como ‘encante’ (MAUÉS; VILLACORTA, 1998, p. 4).

Neste sistema de crenças, as pessoas que não morrem são levadas para o *fundo*, para o *encante* – um lugar ou espaço próprio de uma geografia maravilhosa -, por seres sobrenaturais, chamados encantados, que “se agradam delas”. É no *encante* que elas se desenvolverão e se tornarão encantados<sup>6</sup>. Em Cachoeira do Arari ainda é possível encontrar alguns pajés na sede do município, sendo que grande parte deles habita no interior. Comumente, os moradores do lugar recorrem aos pajés<sup>7</sup> para tratarem seus males, sejam do corpo, sejam do espírito. Entretanto, são poucas as pessoas que assumem<sup>8</sup> que se utilizam desses serviços, que conhecem pajés ou que acreditam nessa prática curativa. Tal atitude de negação – em certo sentido expressa por um discurso de não-identificação com tais traços culturais - se deve, de um lado, à pressão exercida pelas igrejas católica e protestante, que satanizam a pajelança e, de outro, pelo uso, cada vez mais frequente, de medicamentos alopáticos e industrializados e da presença de postos de saúde e médicos<sup>9</sup>. Além do discurso de satanização veiculado pelos religiosos, os

<sup>5</sup> Neste trabalho trataremos da pajelança cabocla ou rural, praticada por populações rurais não indígenas. Maués e Villacorta consideram a pajelança cabocla como parte integrante do catolicismo popular das populações rurais e de origem rural amazônicas. Para saber mais sobre o assunto, ver Maués e Villacorta (1998).

<sup>6</sup> [...] É comum a idéia de que, se alguém for levado por algum encantado para visitar o encante, deve evitar comer as coisas que lhe são oferecidas, caso contrário se encantará, não podendo mais viver no mundo da superfície, como os demais seres humanos. Há também a idéia de que os grandes pajés (conhecidos às vezes como “sacacas”) são levados pelos encantados para o fundo, onde aprendem sua arte; mas, neste caso, eles retornam à superfície, como xamãs, para poder praticar a pajelança. (MAUÉS; VILLACORTA, 1998, p.8)

<sup>7</sup> Segundo Maués e Villacorta (1998), termo pejorativo. As pessoas em questão preferem se auto-identificar como “curadores”.

<sup>8</sup> O mesmo foi observado por Maués e Villacorta na localidade de Itapuá, localizada no município de Vigia, nordeste paraense. Para maiores informações, ver Maués e Villacorta, 1998.

<sup>9</sup> Se a pajelança cabocla pode ser considerada uma forma de culto mágico-religioso, ela também possui um componente de medicina, onde a magia – como em todas as formas de medicina, inclusive naquelas consideradas como eruditas e ensinadas nas universidades – desempenha um papel relevante. Ela é, para as populações rurais e de origem rural da Amazônia, uma das formas mais requisitadas dentre as várias medicinas populares existentes no mercado de bens simbólicos e no campo médico-religioso. Pode, pois, como outras formas de medicina popular, ser considerada, também, como uma forma de ciência (MAUÉS; VILLACORTA, 1998, p. 27-28).

pajés também são acusados, pelos médicos, de curandeirismo e charlatanismo.

[...] A pajelança tem sido combatida pela Igreja Católica na Amazônia desde o período colonial, como atesta o Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição no Estado do Grão-Pará (1763-1769). Em suas visitas pastorais pelo interior, vários bispos paraenses - entre eles D. Antônio de Macedo Costa e D. Antônio Lustosa - não perdiam a oportunidade de criticar e combater os pajés de que tinham notícia. Os jornais do século passado estavam cheios de notícias ridicularizando e condenando os pajés que atuavam na sociedade do período. E até muito recentemente os pajés tinham que pedir permissão às delegacias de polícia dos municípios onde atuavam para exercer suas atividades. Eram freqüentemente acusados não só de práticas contrárias à religião dominante, como de prática ilegal da medicina, ou "curandeirismo". Em cidades maiores da Amazônia, como Belém, talvez já não seja possível encontrar mais qualquer pajé; mas no final da década de 70 Chester E. Gabriel ainda pôde presenciar sessão de pajelança cabocla em Manaus. Apesar disso, a pajelança não indígena continua muito viva no interior da Amazônia, como parte integrante das concepções religiosas das populações regionais, integrada ao catolicismo e passando por transformações, como processo social dinâmico que tem grande influência na vida regional, sobretudo como parte do sistema médico das populações mais pobres (MAUÉS; VILLACORTA, 1998, p. 12)

O combate histórico pelo qual passa a pajelança pode ser uma possível explicação para maior concentração de pajés fora das sedes municipais, em virtude das dificuldades de deslocamento e também pela ausência, nesses rincões, de profissionais de saúde. No livro Marajó, romance em que retrata a sociedade marajoara do início do século XX, Dalcídio mostra que a religiosidade (na forma de catolicismo popular, protestantismo, kardecismo, curas ou pajelanças) é um importante componente da vida do marajoara (MAUÉS, 2007, pág. 16).

Na paisagem amazônica e, especificamente na de Cachoeira do Arari, as histórias sobre encantados integram a rotina diária dos habitantes, havendo relação entre imaginário e o sistema de crenças da pajelança, em que o primeiro justificaria a relação dos habitantes locais com os espaços encantados e, em contrapartida, com o meio ambiente. A partir do conceito de Durand, entendemos o imaginário como o principal instaurador das diferentes formas de pensar, sentir e agir; o canal das relações do homem com o mundo e consigo mesmo; sendo, portanto, o "conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*", o grande e fundamental denominador onde se encaixam todos os procedimentos do pensamento humano (DURAND, 1997, p. 14). Para Durand, o imaginário se manifesta como atividade transformadora do mundo, como imaginação criadora. Assim, podemos pensar no imaginário marajoara como a atividade responsável por manter a aura de mistério que envolve a Ilha - especificamente alguns lugares do município de Cachoeira do Arari, como o Lago Guajará, muito respeitado pelos moradores do lugar como sagrado. Outro componente importante formador desse imaginário é a presença indígena na área. Embora as populações indígenas tenham, desde o período de colonização, sido paulatinamente desculturadas, uma parte de sua herança cultural ainda se mostra muito presente, principalmente através dos rotineiros achados arqueológicos.

## MEIO AMBIENTE E COTIDIANO

As relações estabelecidas entre pajelança, imaginário e meio ambiente fazem parte do dia a dia dos moradores de Cachoeira do Arari. Comumente se ouvem histórias de aparições rondando os moradores, principalmente os trabalhadores que necessitam buscar seu alimento diário nos rios e matas do lugar. Apesar de não ser comum, Maués e Villacorta relatam a existência de duas pajés que possuem um discurso ecológico. Uma se chama Maria Rosa, moradora de uma cidade no nordeste paraense, e que, além de realizar curas, tem como objetivo “conscientizar as pessoas para a preservação da natureza” (MAUES; VILLACORTA, 1998, p. 18). Esse discurso é designado pelos autores como “pajelança ecológica” e vai alterar, na cidade, a concepção de doença não natural<sup>10</sup>, em que esta pode ocorrer por

[...] não se estar preservando a natureza, como também a cura desse tipo de doença pode ocorrer, com mais êxito, quando se tem esse compromisso explícito com a natureza. Fica evidente, porém, que, na verdade, isso apenas aprofunda uma tendência que não está ausente nas concepções tradicionais a respeito dos encantados, das doenças e da pajelança (MAUÉS; VILLACORTA, 1998, p.18).

Durante as sessões xamanísticas dessa pajé, observou-se que “espíritos de índios” faziam protestos contra a poluição de igarapés e derrubadas de árvores. Segundo os autores, o discurso da pajé é construído a partir do discurso religioso e do discurso com base nos movimentos ecológicos de preservação da natureza. Na Ilha do Marajó há a presença da pajé Zeneida Lima, também possuidora de um discurso de proteção à natureza. Ao explicar a relação inextricável entre homem e natureza, ela é incisiva:

[...] ainda lhe digo mais, a natureza é a grande mãe, a origem e o fim de todas as coisas. Não devemos violentá-la, porque estaremos violando a nós mesmos. Os que violam a natureza são punidos por Anhangá. Se o agressor da natureza não pagar por si, seus descendentes o farão. O respeito à natureza, à integridade e equilíbrio de seus elementos é a lei maior. Dentro desse princípio de que se tratarmos bem a natureza, ela nos dá tudo. A natureza possui energias insondáveis para os mortais. Essas energias se manifestam no pajé que se torna seu instrumento (LIMA, 1998, p. 27).

Apesar desses dois registros de pajés com discursos ecológicos, seguindo a linha do que Maués e Villacorta denominam de “pajelança ecológica”, a ocorrência desse tipo de postura não é comum entre os pajés da Ilha do Marajó – com exceção, até agora por nós registrada, de um pajé que vive no interior do município de Muaná –, apesar de poder ser observada nas entrelinhas das falas dos mesmos, ainda mais quando o assunto em questão trata dos lugares de aparição dos encantados. Estes lugares apresentam algumas especificações. Geralmente são lugares ermos, distantes, nas proximidades de rios, igarapés, lagos, campos, florestas. Para Fares (2006), na Amazônia estes lugares referem-se às regiões de água e de mata.

---

<sup>10</sup> Maués utiliza a classificação dos moradores de uma comunidade pesqueira como sendo de doenças naturais (são mandadas por Deus e são tratadas pela medicina) e não-naturais (médicos e especialistas não compreendem este tipo de doença, podendo ser tratada somente por pajés e benzedores. Fogem do domínio divino, sendo também chamadas de malineza). Para saber mais, ver Maués, 1990.

De acordo com Maués e Villacorta (1998), os encantados possuem diferentes formas de se manifestar, recebendo diferentes designações, segundo seus lugares de aparição: os “encantados da mata” são a Anhangá e o Curupira<sup>11</sup>, que podem provocar mau olhado nas pessoas ou fazer com que se percam na mata. Isso acontece quando as pessoas costumam caçar um só tipo de animal, por exemplo; os “bichos do fundo” aparecem nos rios e igarapés e se manifestam sob as formas de jacarés, botos, cobras, peixes...também provocam mau olhando, como os “encantados da mata”; Se aparecem nos mangues ou praias, sob forma humana, de pessoas conhecidas, chamam-se “oiaras” e desejam levar a vítima pro fundo. O terceiro tipo de manifestação é a invisível, quando incorporam nos pajés. Neste caso chamam-se caruanas, praticam o bem e realizam trabalhos de curas.

Alguns encantados são conhecidos por seus nomes próprios como Mestre Brito e Cobrinha Encantada; enquanto a denominação de outros refere-se aos seus lugares de aparição, como a Novilha da fazenda Guajará; a Arraia do lago Arari; Mães da mata; Ataídes<sup>12</sup>. Os espaços em que ocorrem as aparições das entidades são sagrados e aqueles que ousam profaná-los geralmente são punidos. Desta maneira, os encantados podem ser entendidos como guardiões da ordem estabelecida contra os desatinos humanos. São guardiões dos espaços, punindo, de diferentes maneiras, quem os molesta; quem pesca ou caça além do necessário; quem maltrata os animais; quem destrói as florestas; quem penetra nos lugares sagrados sem pedir licença ou permissão.

Muitos desses encantados são encontrados incorporados nos pajés, durante sessões de curas xamânicas. Além disso, suas atuações, no imaginário dos homens e mulheres marajoaras, enquanto guardiões dos espaços naturais, da flora e da fauna, contribuem para a preservação da biodiversidade, em particular de algumas espécies necessárias à fixação das pessoas em seu espaço. Contribuem para que haja um certo controle sobre a caça ou pesca de animais utilizados como alimento, e também para a conservação de seus habitats. Culturalmente, o culto dos encantados atua para a manutenção das práticas de pajelança, especialmente no que se refere à produção de banhos, chás, unguentos, defumações, beberagens, entre outros, produzidos a partir do conhecimento tradicional e da biodiversidade. De acordo com Posey (1997), povos tradicionais desempenham papel fundamental na implementação de práticas de sustentabilidade, pois “muitos dos ecossistemas ‘naturais’ são resultado de suas práticas tradicionais”, onde as diversidades ecológicas e culturais encontram-se interligadas.

Diante do exposto, podemos entender, e analisar, a pajelança marajoara sob a ótica do patrimônio cultural, entendendo-o como categoria de pensamento, usada para classificar e ordenar o mundo físico e mental das sociedades humanas, como bem assinala Gonçalves (2009). Segundo este autor, os patrimônios são classificados como partes de totalidades cósmicas e sociais e como afirmações de extensões morais e simbólicas de indivíduos ou coletividades, “estabelecendo mediações cruciais entre eles e o universo

<sup>11</sup> Nos relatos sobre aparições de encantados, a palavra ‘Curupira’ ora aparece no masculino e ora no feminino.

<sup>12</sup> Personagem mítico da Amazônia-paraense-bragantina, o ataíde é um protetor das áreas de mangue e assusta as pessoas pelo seu aspecto físico, particularmente, por possuir um falo descomunal

cósmico, natural e social” (2005, p. 18). Desse ponto devista, não há como separar a pajelança, e todo o universo simbólico nela inserido, da comunidade de Cachoeira do Arari.

Reginaldo Gonçalves (2005) discorre a respeito da ressonância que os patrimônios possuem junto ao público. Podemos dizer que a pajelança, a despeito das pressões sofridas ao longo do tempo, e ainda hoje, encontra ressonância e aderência, junto à comunidade estudada, ainda que essa ressonância seja inconsciente. Ela está “para além das fronteiras formais” da comunidade. Com relação ao nível de aderência, conquanto já seja possível afirmar que depende da maior ou distância/proximidade com a crença na pajelança, ainda é preciso mapear mais detalhadamente a região.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito acima, a pajelança pode ser entendida como um sistema de crenças que mescla elementos indígenas, africanos e do catolicismo popular e possui estreita relação com o meio ambiente. Em Cachoeira do Arari, ainda os moradores recorrem aos pajés para tratarem seus males, sejam os do corpo ou do espírito, mas são poucas as pessoas que assumem que recorrem aos serviços ou que acreditam na prática curativa. Tal atitude de negação se deve, de um lado, à pressão exercida pelas igrejas e, de outro, pela presença cada vez mais constante da medicina e do uso de medicamentos feitos em laboratório.

Na paisagem de Cachoeira do Arari, ocorre a relação entre imaginário e o sistema de crenças da pajelança, em que o primeiro justificaria a relação dos habitantes locais com os espaços encantados e, em contrapartida, com o meio ambiente. Assim, podemos pensar no imaginário marajoara como a atividade responsável por manter a aura de mistério que envolve a Ilha, fortalecido pela presença de um imaginário cujas raízes remontam ao passado indígena da região.

A ocorrência da “pajelança ecológica” não é comum entre os pajés da Ilha do Marajó – apesar do discurso ecológico poder ser observado nas entrelinhas das falas dos pajés, ainda mais quando o assunto trata dos lugares de aparição dos encantados, geralmente lugares ermos, distantes, nas proximidades de rios, igarapés, lagos, campos, florestas. As atuações dos encantados, enquanto guardiões dos espaços naturais, contribuem para a preservação da biodiversidade e da fixação das pessoas no espaço, além de contribuírem para a manutenção das práticas de pajelança.

Analisamos a pajelança sob a ótica do patrimônio cultural enquanto categoria de pensamento, como parte de totalidades cósmicas e sociais e, apesar das pressões sofridas ao longo do tempo, a pajelança ainda hoje encontra ressonância e aderência, junto à comunidade de Cachoeira do Arari.

Ressaltamos a importância da manutenção das práticas de pajelança na cultura marajoara e do entendimento desta enquanto patrimônio para o fortalecimento do imaginário e da identidade local. Queremos deixar claro que as questões levantadas neste trabalho são preliminares e que, ao longo da investigação, novas relações patrimoniais poderão ser analisadas e evidenciadas, inclusive o processo de musealização, pelo Museu do Marajó – Pe. Giovanni Gallo, de objetos utilizados nos rituais de pajelança.

## REFERÊNCIAS

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FARES, J. A. Encantarias marajoaras: o mundo das mães míticas. In: IPHAN. **Projeto Marajó: conhecer e preservar**. Belém: 2007. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Noções geográficas para entender a leitura dos espaços encantados. In: SIMÕES, M. do S. (org). **Revisitando o Marajó: um arquipélago sobre a ótica da ciência, educação, cultura e biodiversidade**. Belém: Edufpa, 2006. p. 75 – 92.

FARES, J. A. **Cartografias Marajoaras: cultura, oralidade, comunicação**. 248 f. 2003. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. In **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. Ano 11. Nº 23. Jan – Jun 2005. 15 – 36. Disponível em <http://www.scielo.br>.

\_\_\_\_\_. O patrimônio como categoria de pensamento. In **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. ABREU, R; CHAGAS, M. (Org.). Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. 25 – 33

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo demográfico 2000**. Nº I e II. IBGE, 2000. Disponível em: [www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000\\_populacao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000_populacao.pdf). Acesso em: 25 jun. 2006.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Marajó - conhecer e preservar. **Relatório de atividades do Inventário Nacional de Referências Culturais da Ilha do Marajó**. Julho a dezembro. Belém: IPHAN, 2004.

LIMA, Z. **O Mundo Místico dos Caruanas e a Revolta de sua Ave**. Belém: CEJUP, 1998.

MAUÉS, R. H. A novilha encantada do lago guajará: religião e medicina popular na Ilha do Marajó (primeira metade do século XX) In: IPHAN. **Projeto Marajó: conhecer e preservar**. Belém: 2007. 1 CD-ROM. p. 2 - 21

MAUÉS, R. H. **A ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: UFPA, 1990

MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e encantaria amazônica. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p.11 - 58

MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e encantaria amazônica. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 8., São Paulo. São Paulo, 1998. Disponível em [www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/pq01-3.doc](http://www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/pq01-3.doc). Acesso 10 mai. 2006. p. 2- 34

MIRANDA DA CRUZ, M. E. **Marajó**, essa imensidão de ilha. São Paulo: edição do autor, 1987.

PARATUR – Companhia Paraense de Turismo. **Levantamento da oferta turística de Cachoeira do Arari**. Belém: PARATUR, 2003.

POSEY, D. A. Exploração da biodiversidade e do conhecimento indígena na América Latina: desafios à soberania e à velha ordem. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1997. p. 345 - 368.